



O USO DA LINGUAGEM FÍLMICA: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA AS AULAS DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

Elizama Neri de Souza e Silva ¹

Élcia de Torres Bandeira ²

Luiza Irene de Lima ³

Em dias hodiernos, a ciência e a tecnologia vêm descobrindo e construindo novos caminhos para se explicar determinados fenômenos sócio-histórico-culturais, caminhos estes que têm contribuído sobre maneira para a reflexão pedagógica no processo de ensino e aprendizagem.

Trazendo a dinâmica entre a ciência e a tecnologia para a área da componente curricular História, é possível vislumbrar grandes contribuições destas para o agir pedagógico no processo de ensino e aprendizagem da referida disciplina. Um exemplo tácito disto é o cinema, isso porque, muitas das obras cinematográficas são produzidas a partir da “apropriação” de conhecimento histórico e de conceitos atrelados a essa área do saber como, por exemplo, temporalidade, identidade, pluralidade cultural, entre outros.

Tendo o cinema como desencadeador de sentidos, percepções, interpretações e imaginações sobre as experiências humanas no tempo, a proposta deste trabalho consiste em discutir a utilização do mesmo como um suporte ao ensino de História no ensino médio.

O trabalho aqui discutido propõe-se a destacar como o uso do cinema pode estabelecer pontes pedagógicas de formação entre a História e outras áreas conhecimento, aguçando os

¹ Graduanda do 7º período do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e bolsista do PIBID/CAPES. E-mail: elizamneri@yahoo.com.br

² Profª Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, tutora da pesquisa e especialista em Linguagem Imagética. E-mail: elciabandeira@terra.com.br

³ Co-orientadora da pesquisa, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. E-mail: Luiza_de_lima@yahoo.com.br

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

docentes a fazer uma relação crítica entre os conteúdos propostos na sala de aula e a linguagem fílmica. Acreditamos que tal linguagem é um campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados em uma mesma obra de arte, estimulando a formação de cidadãos críticos, interativos com o universo midiático e com a realidade social em que se encontram inseridos. O público alvo são os estudantes da Escola Estadual Joaquim Xavier de Brito, especificamente, do ensino médio.

A referida instituição educacional está localizada na região metropolitana de Recife - PE e a realização da pesquisa está integrada ao programa PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Programa esse financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

O referido programa visa à inserção de licenciandos em escolas da rede pública conveniadas para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que tenham o aperfeiçoamento da prática escolar como enfoque. O contato com as escolas e as suas dinâmicas serve de elemento de formação profissional para o graduando, preparando-o para a futura docência, através da prática da pesquisa e da extensão associadas ao ensino. Este projeto tornou-se possível porque o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência procura enfatizar atividades de cunho interdisciplinar nas escolas, abrindo espaço para a participação qualitativa dos estudantes frente aos conteúdos estudados em sala de aula. Sendo assim, os bolsistas pibidianos procuram desenvolver ações através das quais os temas não sejam abordados isoladamente e sem contextualização. Neste sentido, o cinema pode ser visto como uma ferramenta que pode auxiliar o professor em sua práxis, quando este (o docente) relaciona textos com o cotidiano das pessoas e proporciona uma experiência didática plurifacetada que contribui para o respeito à diversidade e à multiculturalidade existente no Brasil.

A importância desta vivência ultrapassa o fascínio pela imagem por utilizar-se da diversidade de suas mensagens, do estreitar de relações, por construir representações e reconstruir intervenções que venham a anunciar ações futuras, pois a visão cinematográfica

reforça a perspectiva educativa das discussões. Assim o professor, por meio de bons filmes, pode relacionar vida, cultura, realidade e, conseqüentemente, uma boa aula de História.

Uma pesquisa desta natureza justifica-se pelo entendimento do que o move: ação-pedagógica de caráter disciplinar e produção de material didático para o ensino de História. Assim sendo, tal proposição, assenta-se em dois princípios.

O primeiro diz respeito à concepção de que o material didático para o ensino de História é intrínseco à construção do conhecimento histórico, portanto deve ser analisado como uma fonte para o ensino da História e, na mesma proporção, um caminho para sua (re) interpretação.

O outro parte da aceção da linguagem fílmica, como sendo, uma representação das ações do homem no tempo. Olhando sob esse prisma, a releitura dessa representação contribui para uma forma de se ensinar História que seja criativa e que possa desenvolver habilidades e competências, segundo os pressupostos teóricos de Perrenoud (2000), ou seja, que promova a construção de novas concepções e postura didático-metodológica para se trabalhar a disciplina História na sala de aula, postura que reconhece a importância das subjetividades na interatividade proposta entre os sujeitos históricos que leem as imagens, as imagens em si e o sujeito que as cria, fazendo uma interlocução com a História.

A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E A IMAGENS EM MOVIMENTO

São muitas as áreas do conhecimento que trabalham com conceitos e saberes históricos e de 1970 para cá, a História tem passado por mudanças de paradigmas. Muitos historiadores não se detêm apenas a macro-história, dando voz a micro-história, a história oral, o historiador tem diversificado suas fontes para além dos textos escritos. Vários pesquisadores e profissionais vêm trabalhando os mesmos sob a ótica da Nova História Cultural (NHC), essa prática se estende para o ambiente escolar. Dentre os profissionais que lidam com a cultura histórica como seu objeto de trabalho, podem-se destacar os museológicos, turismólogos, escritores literários, jornalistas, escritores, letristas, desenhistas, autores, diretores, roteiristas e

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

os professores de História, cineastas, entre outros, mas vale salientar que cultura é um elemento complexo e entremeado por várias nuances. Nesse sentido, Peter Burke em sua obra intitulada “O que é História Cultural” afirma que:

Os historiadores culturais, juntamente com sociólogos, antropólogos e outros estudiosos, envolveram-se no que costumava ser visto como um debate puramente filosófico ou científico. A questão de se – ou melhor, da extensão em que, ou das maneiras pelas quais – os acadêmicos constroem seus objetos de estudos se transformou ela própria em importante objeto de estudo. É um caso especial do que alguns filósofos e sociólogos chamam de “construção social da realidade” (BURK, 2008, p.101).

Burk chama a atenção para o fato de que a partir do momento em que historiadores e profissionais de outros ramos da ciência deram lugar de destaque ao imaginário estavam de fato validando a importância da construção cultural da história humana. Logo, a NHC “é uma forma de expressão da consciência histórica” (RÜSEN, apud, CARDOSO, 2008, p. 159). A esse respeito Cardoso elenca quatro conceitos de consciência histórica e o terceiro está atrelado à consciência da temporalidade histórica. No seu entendimento:

Esse conceito define a capacidade humana de situar-se no tempo, não enquanto grandeza física, mas conforme ele foi historicamente concebido desde a Modernidade. Nesse sentido ontogênico, a origem da consciência histórica estaria imersa no processo de aquisição da linguagem. Para falar, os indivíduos aprendem palavras que expressam o tempo – ontem, rápido, frequentemente etc. – e por meio delas moldam um conceito de tempo próprio de sua cultura. Esse conceito de tempo não é ‘lógico’, mas ‘histórico’: é o tempo “socialmente produzido”, “das inovações técnicas, da dinâmica das organizações, da formação de normas” (CARDOSO, 2008, p. 161).

Como a história é construída culturalmente e a consciência da temporalidade histórica se dá por meio da aquisição da linguagem, como bem falou o pesquisador ora citado, um professor de História pode trabalhar esse conceito (temporalidade histórica) utilizando, por exemplo, um filme, sendo assim essa mudança dos paradigmas de produção de conhecimento histórico implicou em utilização de novas linguagens, dentre eles, podemos citar as imagens em movimento. No entanto é preciso ter bastante forte a distinção entre a História enquanto conhecimento científico, História enquanto experiência e História enquanto um conhecimento

pedagógico.

Na década de 1970. Abud (et. al. 2010, p. 168) explica que:

A aceitação do filme como documento remonta ao abandono da concepção de História da escola metódica provocado pelo advento da revista Annales e das obras de Marc Bloch e Lucien Febvre, nos anos de 1930, que colocaram o historiador na condição de fabricante do seu objeto, portanto, de sujeito na produção da História. No Brasil, na mesma época, ganharam força novas concepções de ensino que defendiam a participação dos alunos da elaboração dos conhecimentos. As novas tecnologias, como o cinema, passaram a ser consideradas importantes recursos didáticos para o desenvolvimento da Escola Nova, designação desse conjunto de ideias contrárias à escola tradicional.

Em outras palavras, o filme pode ser considerado um recurso didático facilitador da aquisição do conhecimento, não somente um recurso didático, mas o produtor de um discurso histórico também. É salutar lembrar que o uso do filme é proveitoso na medida em que o docente desenvolva um bom planejamento e que seja ético ao trabalhar com esse tipo de material, pois se não houver ética profissional, porém, não é somente uma questão de ética profissional, mas também de inexperiência do professor, pois se o mesmo colocará o filme apenas como passa tempo, distração e não tratará de pontos que podem ser discutidos na aula. No tocante a isso, Abud et. al. (op. cit.) utiliza-se da seguinte argumentação:

Infelizmente, hoje o filme é mais utilizado como substituto de textos ou como aulas expositivas. Muitos o consideram uma simples ilustração capaz de fornecer credibilidade à temática em estudo. Entretanto, como documento histórico, o filme exige instrumentos adequados para sua exploração, obtidos por meio da formulação de uma proposta didática (p. 170).

Concordando com a pesquisadora supracitada, ainda hoje, pode ser encontrado em várias escolas um modelo de ensino de História que procura introjetar nos alunos o conteúdo da disciplina, fazendo desses um receptáculo de informações.

Neste modelo, não existe o questionamento, a prática se resume na “decoreba”, onde o senso crítico não é estimulado, e nesse contexto, quando é usado o cinema, a imagem em

movimento não é analisada possuindo apenas uma função estética ilustrativa. Permitindo assim que o historiador trilhar por caminhos não penetrados por outras fontes. Estes quando discutidos e problematizados.

Vale lembrar que a utilização de filmes nas aulas de História pode proporcionar a elaboração de atividades que estimulam os alunos a compreenderem o conteúdo, transformando uma aula expositiva preleção em uma aula expositiva dialógica voltada para a interação e a socialização. Assim, ao propor a exibição de um filme como fonte para a discussão, o professor abrirá possibilidades para que os discentes se insiram na construção do conhecimento, contribuindo assim para o enriquecimento do cotidiano escolar.

Segundo Napolitano:

Apesar de ser uma arte centenária e muitas vezes ao longo da História ter sido pensado como linguagem educativa, o cinema ainda tem alguns problemas para entrar na escola, (...). O cinema não tem sido utilizado com a frequência e o enfoque desejáveis. A maioria das experiências relatadas ainda se prende ao conteúdo das histórias, às fábulas em si, e não discute os outros aspectos que compõem a experiência do cinema (2005, p. 7).

Vale ressaltar que o uso do cinema como material didático é a questão de que o filme não deve ser usado como o único material de análise, pois ele, assim como o livro, também não é a verdade absoluta, e sim, uma das representações dos fatos ocorridos. Alguns filmes são mega produções e que tem a finalidade de atrair um elevado público ao cinema. Faz-se necessário ter um critério na seleção do material, visto que os filmes abarca duas características: a imagem em movimento, a partir disso podemos analisar o retrato de uma época, e muitos apresentam várias distorções, assim como, a linguagem oral que deve ser pensada e interpretada.

A análise fílmica enquanto fonte histórica deve ser discutida, analisada, desconstruída, pois quem o produziu quer comunicar algo. Tais perguntas devem permear a discussão: que narrativa foi construída nesse filme? Qual a visão dessa narrativa de acordo com o conteúdo histórico? Essa linguagem quando utilizada com critério é uma aliada do historiador na construção de uma narrativa histórica. Nesse sentido, CHARTIER (apud, AMARAL & FARIA, 2007) explica que:

Há algo específico no discurso histórico, pois este é construído a partir de técnicas específicas. Pode ser uma história de eventos políticos ou a descrição de uma sociedade ou uma prática de história cultural. Para produzi-la, o historiador deve ler os documentos, organizar suas fontes, manejar técnicas de análise, utilizar critérios de prova. Portanto, se é preciso adotar essas técnicas em particular, é porque há uma intenção diferente no fazer história, que é restabelecer a verdade entre o relato e o que é o objeto deste relato.

Enfim, a partir do momento em que o pibidiano leva para a sala de aula a discussão sobre o uso de recursos cinematográficos e a abordagem de metodologias para a construção dos conteúdos de História a partir dos mesmos, apresentando a linguagem fílmica como uma alternativa significativa para o processo de ensino e aprendizagem, concomitantemente ao uso de outras linguagens alternativas que estiverem disponíveis, o mesmo estará estimulando os discentes a refletirem criticamente acerca do que é percebido e produzido, fazendo com que os mesmos consigam identificar nos elementos fílmicos os conteúdos construídos nas aulas de História.

O CINEMA COMO FONTE HISTÓRICA: ENTRAVES E POSSIBILIDADES

Ensinar História hoje, não deve ser uma prática acomodada no mesmismo, ou melhor, o docente deve refletir e reavaliar constantemente seu agir pedagógico e, a partir de tal análise, o mesmo terá a capacidade de tomar para si as problemáticas do dia-a-dia e buscará meio para mitigá-las. As mudanças ocorridas na sociedade trouxeram em seu bojo a necessidade de uma educação que perpassasse o ambiente escolar e se estenda a vida cotidiana. O método, as técnicas e as ferramentas de trabalho docente devem ser os mais variados possíveis, como afirma COLL (2006):

“(...) Não há receitas prontas e determinadas de ensino, mas elementos para a análise e reflexão sobre a prática educativa, possibilitando a compreensão de seus processos, seu planejamento e avaliação. Um método educacional sustenta-se a partir da função social que atribui ao ensino e em determinadas idéias sobre como as aprendizagens se produzem”.

Assim como há vários discursos distintos elaborados pelos indivíduos que constroem a História enquanto ação humana e social, o cinema também é constituído por vários olhares, ou seja, interpretações e representações. É salutar lembrar que, ao fazer a seleção de um determinado elemento cinematográfico (filme, trailer, documentário, entre outros), o docente deve considerar o nível de abstração no qual se encontram os aprendizes e mais alguns fatores como: faixa etária dos discentes, nível de maturidade para entender determinados conceitos próprios da História e articulação com o conteúdo a ser trabalhado.

No dizer de SANTOS (1998, 2), “Quanto mais o nosso trabalho for livre, mais educaremos para a cidadania. Quanto mais o nosso trabalho for acorrentado, mas estaremos produzindo individualidades débeis”. Voltando a questão do trabalho com a linguagem cinematográfica, este profissional da educação, precisa atentar para o fato de que o filme não traz a verdade absoluta, pois se trata de representações imbuídas de ideologias de quem o produziu. Ainda, é preciso que esse profissional reconheça que a produção fílmica requer um trabalho árduo de estudos e planejamento.

Nessa pesquisa que se encontra em andamento, a utilização dos recursos cinematográficos não se caracterizam como um estudo da História do cinema, tampouco neste elemento como parte da cultura imaterial, mas sim como um complemento na fala do professor que manipulará esse recurso a seu bel-prazer, mas de forma planejada.

Diante do exposto é possível entender que o cinema é uma ferramenta de trabalho motivadora, inovadora, bem como instrumento multidisciplinar. De acordo com Napolitano (2005:12) “A utilização do cinema na escola pode ser inserida, em linhas gerais, num grande campo de atuação pedagógica”. Outro estudioso que vem a contribuir com esse raciocínio é Duarte (apud, ARAÚJO, 2007) ao afirmar que: “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”, sendo assim mesmo concordando com ambos os pesquisadores Napolitano (2005) e Duarte (apud, ARAÚJO, 2007), se o docente utilizar esta metodologia para substituí-lo na sala de aula, esta não será válida por que não estimula a discussão, não abre espaço para os questionamentos e as inúmeras interpretações que possivelmente surgirão.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Para Napolitano (2005) “o professor não precisa se tornar um crítico de cinema, mas as informações prévias do filme em questão são extremamente importantes, para que as atividades em sala de aula se tornem mais produtivas e interessantes”. Em suma, também não é necessário transformar esse alunado em adeptos da cinefilia, mas mostrá-los o quanto pode ser bem mais interessante e produtivo uma aula bem planejada e que utilize este procedimento metodológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa experiência de trabalhar com filme na sala de aula atende aos anseios da sociedade de hoje em formar cidadãos críticos que inter-relacione conteúdo à prática cotidiana. Enquanto para os graduandos permite um “*feed back*” uma troca de experiência com o professor da área e o pibidiano.

Para o graduando permite por em prática a teoria acadêmica adquirida na graduação. No caso da história escolar e da utilização de fontes audiovisuais, assunto que tratamos aqui, fica o desafio para os docentes e para os formadores dos mesmos, de superar a forma de ensino extremamente tradicional em algo mais inovador, que fomente o debate e estabeleça uma melhor assimilação dos conteúdos históricos.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria, **Ensino de História** – São Paulo: Cengage Learning, 2010. – (Coleção Ideias em ação).

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** . Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

CARDOSO, Oldimar. **Para uma definição de didática da História.** Revista Brasileira de História. São Paulo, V.28, Nº 55, p. 153-170,2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Algés: DIFEL, 2002.

COLL, César e outros. **O construtivismo na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2002, 128p.

FERRO, Mac. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo, Contexto, 2005.

PERRENOUD, P. **10 Novas competências para ensinar.** Tradução P. C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.